

CAPÍTULO 1

A LINGUA TRUMAI - FONOLOGIA

1. O grupo indígena

1.1. Dados Etnográficos - Localização geográfica

Os índios Trumai vivem no Parque Indígena do Xingu (Mato Grosso). Atualmente, segundo os cálculos feitos com a ajuda de moradores de uma das aldeias, os Trumai somam 109 indivíduos, divididos em 4 localidades diferentes:

aldeia **Terra Preta**, localizada no médio Xingu; possui 37 habitantes;

aldeia **Boa Esperança**, também localizada no médio Xingu, com 23 moradores;

aldeia **Steinen**, localizada às margens do rio de mesmo nome; tem 28 moradores;

posto indígena **Pavuru**, localizado no médio Xingu, local onde vivem 21 pessoas consideradas como sendo do povo Trumai *1.

O trabalho com informantes, como já se disse na introdução, foi realizado com moradores da aldeia Terra Preta. Esta aldeia é praticamente vizinha da Boa Esperança, e por isso seus moradores

se visitam regularmente. O posto Pavuru fica a alguns quilômetros abaixo destas aldeias, porém o acesso a ele é um pouco mais difícil. Os Trumai que vivem neste local são funcionários do posto ou familiares destes, e pessoas casadas com indivíduos do povo Txikão, cuja aldeia está localizada próxima ao posto.

1.2. Dados históricos

Os Trumai, segundo suas tradições, teriam vindo de uma terra localizada a Sudeste (Murphy & Quain, 1955), provavelmente da região entre o Araguaia e o Xingu. Há a hipótese de que eles se mudaram de lá por sofrerem ataques dos Xavantes. Teriam atingido a região do rio das Mortes e serra do Roncador há cerca de 150 anos, época provável de seu deslocamento, tendo se dirigido para a região do Rio Culuene (Villas Boas, 1970), localizada na área também conhecida como Alto Xingu, onde passaram a conviver com povos ali residentes; nesta área tradicionalmente vivem povos Aruak, Karib e Tupi *2.

Acredita-se que os povos desta região teriam se dirigido para lá provavelmente devido ao processo de rearranjo demográfico desencadeado pela colonização. Por ser uma área isolada, de difícil acesso, o Alto Xingu podia ser considerado um local de refúgio.

Os primeiros contatos dos Trumai com outros povos da região não foram pacíficos. Por ocasião da vinda do pesquisador alemão

Karl von den Steinen, o primeiro branco a visitar a região, no fim do século passado, os Trumai ainda não mantinham boas relações com as tribos locais. A sua integração se deu mais tarde, com a incorporação de hábitos e elementos comuns aos povos do Alto Xingu: segundo os estudiosos, os povos desta área, apesar das diferenças étnicas e linguísticas, apresentam grande homogeneidade cultural, compartilhando os mesmos costumes e tradições. O isolamento da região, a proximidade dos grupos, o comércio entre eles e o casamento intertribal são fatores que teriam propiciado essa uniformidade, já observada por Steinen. A intensidade dos contatos teria favorecido a influência recíproca entre os grupos, levando à homogeneidade cultural que se faz sentir, principalmente, nas atividades de subsistência, na mitologia, no sistema de parentesco e na vida cerimonial (Galvão & Simões, 1966).

Os Trumai, ao mesmo tempo em que incorporaram padrões culturais alto-xinguanos, preservaram certas particularidades que os diferenciam dos demais povos desta área. Por exemplo, não participam da festa do Kwarup (a cerimônia tradicional dos Trumai é o Javari) e consomem alimentos proibidos para os alto-xinguanos, como a capivara, o coati e o tamanduá.

A localização de suas aldeias foi alterada diversas vezes no decorrer de sua história. São assinalados pela primeira vez por Steinen, em 1884, com duas aldeias (uma com 8 casas, outra com 5)

à margem do Culuene, logo abaixo da desembocadura do Culiseu. Depois, deslocam-se para vários pontos, chegando a se reunir a outras tribos, para novamente se separar. São encontrados vivendo junto aos Aweti em 1887 (Steinen, 1940 - Ehrenreich, 1929); com os Mehinaku em 1889 (Meyer, 1898-1900); com os Nahuqua em 1924 (Hinterman, 1925 - Vasconcelos, 1945).

Em 1952 estão no baixo Culuene, aproximadamente na mesma posição registrada por Steinen. Nessa época são considerados em vias de extinção, pois possuíam uma reduzida população de 18 pessoas (Galvão & Simões, 1966). Tal depopulação seria decorrente de guerras e epidemias de gripe e sarampo.

Em 1963 os Trumai são encontrados com uma população de 21 pessoas. O grupo está então recomposto por crescimento vegetativo e adesão de elementos de outras tribos através de casamento e parentela (Galvão & Simões, 1966).

Os Trumai viveram ainda nas proximidades do posto indígena Diauarum, sendo encontrados lá por Monod-Becquelin em 1966, e depois, nas redondezas do posto indígena Leonardo Villas Boas, onde chegaram provavelmente no final dos anos 60, permanecendo ali até meados da década de 70. A seguir, mudaram-se para a aldeia Pato Magro, no médio Xingu, aldeia que mais tarde deu origem a duas outras: Terra Preta e B. Esperança. Recentemente

foi formada uma terceira aldeia Trumai, a Steinen.

A população tende a crescer, sendo grande o número de jovens e crianças (eles são mais numerosos que os adultos). No entanto, ainda não está sendo possível o casamento entre eles, dado que todos são parentes próximos. Assim, os Trumai ainda continuam a se casar com pessoas de outras tribos, tal como os mais velhos o fizeram. Atualmente não há um único casal Trumai formado apenas por pessoas do grupo. Já em 1966-1967, Monod-Becquelin observou que não havia, há várias gerações, um Trumai sem parentes consanguíneos estrangeiros ou que não participasse de uma união intertribal. Esses fatos históricos explicam o diversificado quadro linguístico existente atualmente nas aldeias Trumai (tratado com detalhes mais adiante).

1.3. Elementos culturais do povo Trumai

Segundo fontes históricas (Vilas Boas, 1970), os Trumai antigos não conheciam a mandioca, o milho e quase todas as plantas que hoje cultivam. Os homens usavam cabelos compridos e estojo peniano. As mulheres usavam uma faixa que envolvia a cintura, passando entre as pernas. Não conheciam a rede, dormindo em esteiras. Possuíam um tipo de cerâmica diferente daquela feita no Xingu. Eram especialistas na produção de sal extraído de plantas aquáticas e na fabricação de machados de pedra, que

comercializavam com outras tribos (Galvão & Simões, 1966).

Todos esses dados documentados são confirmados pelos índios Trumai de agora; eles inclusive ainda se lembram do termo usado para designar o tapete de dormir: /weset/, termo este que deixou de ser usado com o passar do tempo. Eles contam ainda que os antigos comiam borboletas, que também não conheciam o arco e a flecha, tendo aprendido a usá-los depois que chegaram ao Xingu. Em vez de arco e flecha, os Trumai usavam borduna e o propulsor de flechas *3, instrumento que viriam a introduzir no Xingu para a cerimônia desportiva do **Javari**.

O Javari, também conhecido por **Yawari** (Galvão & Simões, 1966), foi levado para o Alto-Xingu pelos Trumai. Foi adotado por diversas tribos que hoje em dia também o praticam. O termo Yawari, na verdade, é de origem Kamayurá. Era o nome usado por este povo para designar o propulsor de flechas, usado na cerimônia:

" O propulsor tirou o seu nome da palmeira tucum: Yauarí. Observa-se muitas vezes que a planta que fornece o material, também dá nome ao utensílio; os Kamayurás acrescentavam uma determinação mais precisa, dizendo Yauarí amomoáp, o que significa (amo longe, mo causativo, ap quebrar, ferir) "tucum que despedaçar à distância." "

(V. Steinen - 1940 - vol. XXXIX - pp.371) *4

Ou seja, o termo Kamayurá usado para o instrumento acabou se estendendo para sua festa (o Javari é a dança do propulsor, representando o ferimento na luta), que passou a ser mais conhecida por este nome.

Contam alguns Trumai que foram os índios **Pajetan** e **Arawajan** que ensinaram o Javari para eles. Mas como não há registros históricos sobre grupos com essa denominação, não se sabe a que povo de fato os Trumai estariam se referindo. Pode ser, inclusive, que eles sejam apenas povos "míticos" (seria a lenda da origem do Javari).

Há anos a cerimônia do Javari não é realizada pelos Trumai. Segundo Ararapan, chefe da aldeia Terra Preta, pela tradição esta festa é realizada apenas em ocasiões especiais, como a da morte do dono ou de um arqueiro do Javari. O velho ñituarî, seu pai, é o atual dono do Javari. O irmão de ñituarî, que era arqueiro, faleceu recentemente. A festa infelizmente não foi realizada e há risco de que a tradição se perca, pois os jovens não estão aprendendo os cantos entoados na cerimônia.

A dança do Tawarawana também parece ter sido levada para o Alto-Xingu pelos Trumai. Havia ainda entre os antigos outros jogos, como o do morcego, o do lagarto, o da minhoca, o da mandioca, a corrida do tronco do buriti, que segundo Ararapan também era realizada pelos índios Krahô e Xavante. Estes jogos, com o tempo, foram deixando de ser realizados, mas ainda permanecem na memória dos mais velhos.

Muitas das tradições alto-xinguanas foram incorporadas aos costumes dos Trumai. Isto é notado principalmente na mitologia, como nos mitos do **Warakuni**, que narra a origem da festa do Kwarup, ou do **Mautsini**, avô dos gêmeos Sol e Lua. Também aprenderam danças com outros grupos, como a **jamurikuma**.

É possível notar, ainda, uma influência grande das tradições Kamayurá entre os Trumai. Colaborou para isso o contato que há muito vem ocorrendo com pessoas deste povo, com quem inclusive muitos Trumai se casaram, devido a problemas de população escassa. Isso ocorria já em 1938, fato observado por Buell Quain. Houve, portanto, uma influência recíproca entre o Trumai e outros povos xinguanos, no que se refere a hábitos culturais.

Atualmente, nota-se uma preocupação grande da parte dos mais velhos na preservação dos costumes, pois se teme que os mais jovens, influenciados agora não por outros povos indígenas, mas pela cultura do branco, venham a abandonar suas tradições.

2. A língua Trumai

O Trumai é considerado uma língua isolada, isto é, não apresenta parentesco genético com nenhuma outra língua. Há um único estudo sobre uma possível filiação genética do Trumai, feito por Greenberg (1956), que o coloca como pertencendo ao tronco linguístico denominado **Equatorial**. No entanto, a proposta de existência deste tronco sofreu muitas críticas por parte de

outros estudiosos, que não concordam com os parentescos genéticos levantados por Greenberg.

Consideramos que ainda faltam elementos para que se possa dizer a que tronco linguístico o Trumai estaria filiado, o mesmo ocorrendo quanto a suas características tipológicas: Monod-Becquelin (1975) levanta a hipótese de que ele estaria tipologicamente mais próximo das línguas Tupi do que das línguas Aruak, Jê ou Karib; porém, as informações em que ela se apoia para chegar a esta conclusão são poucas, o que nos faz considerar que há necessidade ainda de maiores estudos sobre o assunto.

Os estudos de caráter propriamente linguístico que existem sobre o Trumai são os realizados pela antropóloga francesa Monod-Becquelin (1975; 1976). Além destes, há uma pequena lista vocabular anotada pelo pesquisador alemão K. V. den Steinen em 1987, e estudos de cunho antropológico realizados por B. Quain em 1938, publicados postumamente por R. Murphy (1955).

Há possibilidade de que exista mais de um dialeto do Trumai. Contam alguns que havia um sub-grupo de Trumai, denominado **Waldat**, sendo seus últimos remanescentes alguns moradores da aldeia Boa Esperança. Segundo Quain (1950), existiu de fato uma aldeia chamada Wahldat, e seus moradores eram identificados pelo mesmo nome do lugar:

" People were often referred to by other Trumai according to the village in which they were born. Thus, a **Wahldat faxlo** was, literally, a son of Wahldat."

(Quain & Murphy, 1950 - pp. 9)

Mas, na época de sua estadia entre os Trumai, havia uma única aldeia (Anariatan), de modo que as pessoas oriundas de Wahldat deveriam também viver ali.

Monod-Becquelin também atesta a existência de pessoas Trumai de origem Waldat (citados como **Aualdat**, em seu trabalho). Conforme diz Becquelin, o falar dos **Aualdat** era uma "língua dialetal" (sic) falada há duas gerações.

Segundo Amati, um de nossos informantes que mora na aldeia T. Preta, existiam diferenças entre o modo de falar dos Waldat e o dos demais Trumai. Diz ele que ainda há diferenças entre o falar de sua aldeia e o de alguns moradores de B. Esperança. Estas seriam diferenças nos sons, palavras e mesmo ordem de elementos da oração ("eles falam um pouco invertido").

Infelizmente, não foi possível verificar esta informação, isto é, fazer uma comparação entre os falares das aldeias T. Preta e B. Esperança. Em conversa com uma das moradoras da aldeia B. Esperança, ela contou que era descendente dos Waldat, mas que já não sabe mais falar como eles, sendo o seu modo de falar o mesmo dos outros Trumai. Segundo ela, já não deve existir mais

ninguém que fale o Trumai dos Waldat. Fica registrada aqui esta informação, porém ela necessita ainda ser melhor investigada.

3. Justificativa para o estudo

Vários motivos podem justificar este estudo sobre o Trumai. Primeiramente, pela sua própria condição de língua isolada: as línguas do mundo são classificadas em famílias segundo critérios genéticos; uma língua pertencente a uma determinada família apresenta características básicas que são reencontradas em outras línguas da mesma família. No caso das línguas isoladas, o que ocorre é que ela é a única a apresentar certas características. Por isso, como diz o prof. A. Rodrigues, "Embora toda língua tenha propriedades únicas, que se perdem quando essa língua desaparece sem ter sido devidamente documentada, essa perda é muito maior quando se extingue uma língua isolada" (Rodrigues - 1986 - pp.93).

O Trumai não é atualmente uma língua em extinção (embora quase já o tenha sido), mas sua situação não é tampouco muito favorável, dada a atual constituição de seu povo, composto não só por índios Trumai, mas também por indivíduos de outras tribos, que se casaram e constituíram família com pessoas deste povo. O que resulta de tal fato é que nas aldeias Trumai se fala não só

esta língua, mas também o Kamayurá, o Aweti, o Suyá, além do Português *5.

Ocorre, então, que em geral as pessoas nascidas nas aldeias Trumai aprendem a falar línguas de outros grupos xinguanos, porque têm um dos pais estrangeiro. No entanto, representantes de outras tribos não aprendem a língua dos Trumai, por ser esta considerada "muito difícil".

Com isso, o Trumai não se difunde, ficando restrito aos habitantes de suas aldeias (que são pouco numerosos), correndo o risco de ser paulatinamente substituído por línguas de outros grupos, ou mesmo pelo Português. A situação da língua Trumai frente ao Português não é realmente muito boa. A maioria dos índios deste povo é falante da língua portuguesa, variando o grau de proficiência neste idioma. Em geral, são os mais jovens que conhecem melhor o Português, e o usam com uma frequência grande, principalmente os rapazes e meninos que, durante as atividades que executam juntos, comunicam-se quase sempre em Português e não em Trumai, que empregam mais quando conversam com os pais ou outros adultos.

Esse fato cria uma situação desfavorável, porque além dos jovens estarem optando por se comunicar em uma língua que não é a do seu povo, está-se criando uma via de aprendizado de Português dentro da própria comunidade: as crianças pequenas aprendem esta

língua com os irmão mais velhos, quase ao mesmo tempo em que aprendem o Trumai com os pais.

Por enquanto este quadro não é totalmente problemático, pois os jovens ainda conhecem bem o Trumai e o empregam em algumas ocasiões; mas ela pode vir a se agravar futuramente se os jovens de agora, depois de adultos, optarem por falar com os filhos somente em Português. Tal possibilidade causa preocupação entre os líderes da comunidade, que procuram meios de alterar esse quadro. A língua Trumai está, portanto, em uma situação não muito favorável, e isso nos fez acreditar que ela deveria ser melhor documentada, não limitando seu conhecimento apenas ao estudos já existentes, que ainda eram poucos.

O trabalho de Monod-Becquelin *6, embora bastante cuidadoso em alguns pontos (como a fonologia), não é exaustivo. Constatamos que havia assuntos que poderiam ser enfocados a partir de novos pontos de vista (como a morfologia) e outros que não haviam sido suficientemente desenvolvidos, como é o caso da sintaxe. A própria pesquisadora francesa, em seu trabalho, reconhecia a necessidade de um corpus maior e de mais investigações sobre fenômenos sintáticos do Trumai. Colaborava para tal necessidade o fato de não ter havido novos estudos sobre a língua, nem por outros pesquisadores, nem por Monod-Becquelin; seu último artigo publicado sobre os Trumai é de caráter antropológico.

As análises que Becquelin realizou, por sua vez, baseiam-se em uma teoria muito particular, a de Martinet. Este fato demonstrava também a necessidade de um novo estudo, abordando-se o Trumai com base em conceitos mais recentes da teoria linguística. A linha tipológico-funcionalista, que trata de muitos fenômenos observados em línguas indígenas, hoje se encontra mais desenvolvida, com várias colocações teóricas que permitem discutir com maior profundidade fatos sintáticos de línguas pouco estudadas.

Para a realização de nosso trabalho, foi feita a coleta de dados linguísticos junto a falantes nativos, tendo em vista, por um lado, testar as informações já existentes sobre a língua ou esclarecer dúvidas e, por outro lado, ampliar o corpus e a análise. Ao mesmo tempo, o fato de haver estudos e reflexões prévias sobre o Trumai tornou possível avançar a análise da língua em tempo mais reduzido, pois uma vez que alguns níveis de análise já haviam sido percorridos, pode-se seguir adiante a investigação ou realizá-la mais a fundo.

O objeto de estudo desta dissertação é a morfossintaxe da língua Trumai, em especial, o seu sistema de marcação de caso. Para o estudo contou-se não só com os dados Becquelin, mas principalmente com dados coletados com informantes nativos da língua Trumai. Estes mesmos informantes também colaboraram para esclarecer fatos da língua e dúvidas sobre determinados pontos.

Nossos dados foram coletados em três viagens ao campo: Julho-Agosto/1989; Julho/1990; Julho/1991, e consistem de itens lexicais isolados, sintagmas, orações (declarativas; negativas; interrogativas) e pequenos textos.

Trabalhamos basicamente com dois informantes: Kumaru e Amati. **Kumaru** é uma mulher de meia-idade, cujo pais são ambos Trumai. É considerada uma boa falante da língua Trumai, tendo sido indicada pela comunidade para ser a informante, tarefa que desempenhou com muita dedicação e paciência. Porém, Kumaru não domina bem o Português; isso, por um lado, foi positivo, porque se obteve dados sem a influência da língua portuguesa; por outro, criou-nos uma dificuldade no início do trabalho, mas esta foi logo superada, através da colaboração de outros Trumai, bilingues, que nos auxiliaram na tarefa de elicitação e gravação de dados junto com Kumaru.

Nosso outro informante foi **Amati**, homem de meia-idade, irmão mais velho de Kumaru. Foi o informante de Monod-Becquelin. Nosso trabalho com ele era de esclarecimento de dúvidas e investigação de fatos sobre a língua; muitos dos dados gravados com Kumaru eram verificados ou analisados com ele. Amati domina bem o Português (inclusive, é alfabetizado nesta língua) e tem grandes conhecimentos sobre o Trumai.

Além deste dois informantes "oficiais", contamos com o auxílio de:

Kaun, prima de Kumaru; mulher de meia-idade; falante de Português e Trumai;

Koino, filha de Kaun; deve ter atualmente cerca de 19 anos. Fala bem o Português e o Trumai. Provavelmente sabe algo de Suyá (língua de seu pai);

Pedro (Matawai), filho de Amati; possui cerca de 27 anos; será futuramente chefe da comunidade;

Yakairu, irmã de Pedro, com cerca de 14 anos; é bilingue; tem conhecimentos de Kamayurá (língua de sua mãe);

Ariakumalu, filha do chefe Ararapan; têm cerca de 17 anos. Fala Trumai, Português e Aweti;

Axaxi, primo de Amati; homem um pouco idoso; é um dos conhecedores das tradições dos Trumai; conhece termos antigos da língua;

Ararapan, chefe da aldeia Terra Preta; homem de meia-idade; fala o Português e o Trumai, além de outras línguas xinguanas. Tem conhecimentos sobre a história do povo Trumai e sobre seus mitos.

Foi possível ainda coletar narrações históricas e mitos, contados por **Enituarí**, pai de Amati e Kumaru. Ele é pagé, grande conhecedor de raízes. Conhece muito da história e das tradições do povo Trumai; é considerado o primeiro cantor de Javari de todo o Xingu. Fala muitas línguas xinguanas, tendo sido chefe da comunidade em tempos passados.

Como se pode ver, contamos com muito bons informantes, fato que permitiu que se pudesse adquirir muitos conhecimentos não só sobre a língua, mas também sobre o povo Trumai.

Para o estudo linguístico aqui realizado, adotamos como modelo teórico o Funcional-tipológico. Preferiu-se este modelo a outros porque pareceu ser ele o que se mostrava mais adequado para o estudo no estágio atual de nosso conhecimento da língua. Futuramente, quando ele estiver mais aprofundado, outras linhas teóricas poderão ser adotadas.

Por fim, gostaríamos de acrescentar que nosso estudo levou em conta os trabalhos realizados por Monod-Becquelin, os quais se constituíram em uma fonte de consulta, e as "críticas" ou discordâncias aqui apresentadas com relação a certas partes de seu material dizem respeito não ao seu trabalho, que reconhecemos ser de grande valor, mas a alguns pontos de sua análise que nos pareceram problemáticos, o que nos fez apresentar novas propostas de análise: na fonologia, basicamente concordamos com a proposta de Becquelin. É com relação à morfologia que nossa contribuição é diferente, apresentando outra divisão de classes. Sobre a sintaxe, nosso estudo também se diferencia do da pesquisadora francesa, porque apresentamos outra análise para a marcação de caso e aprofundamos o estudo de fenômenos sintáticos, cujos aspectos Becquelin pouco abordou.

Reconhecemos a importância do trabalho desta pesquisadora, inclusive por ser o primeiro a tentar descrever uma língua até

então completamente desconhecida (exceto por pequenas listas vocabulares), o que sem dúvida é uma tarefa que exige grande esforço. Nosso estudo procura aprofundar pontos cuja abordagem Becquelin iniciou, e esperamos que ele seja uma contribuição para o melhor conhecimento desta língua.

4. A fonologia da língua Trumai

Por ser o principal objeto desta dissertação elementos da sintaxe do Trumai, a fonologia não será apresentada de forma aprofundada, mas apenas nos seus aspectos básicos, de modo que se tenha um conhecimento dos elementos fonológicos desta língua e que se contribua para melhor acompanhar a análise dos fatos morfossintáticos.

Monod-Becquelin (1975) apresenta em seu trabalho uma análise detalhada da fonética e fonologia do Trumai. Foi feita uma pequena revisão desta análise, confrontando-a com os dados coletados. Os resultados obtidos em nossa análise concordam com boa parte das conclusões obtidas por Becquelin, com exceção de alguns pontos, que discutiremos aqui.

Será utilizado o alfabeto da Associação Fonética Internacional (I.P.A.). Os dados foram coletados com informantes nativos do Trumai. A análise se baseia em Pike (1946), mas também

se levou em conta a teoria de Martinet (1967), uma vez que foi esta a adotada por Becquelin. Foram consultados ainda os materiais de Ladefoged (1975).

4.1 Quadro de fonemas

A. Consoantes:

	Bila- bial	Labi- dental	Dental	Alveo- lar	Palato alveo- lar	Pala- tal	Velar	Glotal
su oclus so	p		t̚	t			k	ʔ
nasal	m			n				
lateral				l				
flepe				r				
fricat		f	s		ʃ		x	h
contínua s/ fricção	w					j		

Os fonemas consonantais do Trumai são os seguintes:

1. /p/ oclusiva bilabial surda
2. /t̚/ oclusiva dental surda
3. /t/ oclusiva alveolar surda

4. /d/ oclusiva alveolar sonora

5. /k/ oclusiva velar surda

A série de oclusivas surdas ocorre nos pontos bilabial, dental, alveolar, velar e glotal. Há apenas uma oclusiva vozeada, que segundo Becquelin, realiza-se como uma oclusiva apico-alveolar "fortemente glotalizada" [dʔ]. Em nossa percepção, nem todas as realizações são glotalizadas, sendo a realização mais geral apenas como oclusiva alveolar vozeada. Porém, como assinala Becquelin, o vozeamento é fenômeno secundário, sendo que é a tensão o traço distintivo pertinente à oposição /t:/d/.

Com exceção da oclusiva dental, todas as oclusivas se realizam como implosivas na posição final de monossílabos. A oclusiva bilabial pode apresentar ainda uma variante [p^h], usada por alguns falantes na posição inicial de palavra.

A seguir, exemplos de ocorrência:

[ˈpʊpʔ] "pacote" [hɔˈpɛp] "flecha de javari"

[piʔˈkɛ] "casa" [tuˈpɛ] "abanador"

[hoˈtɕɕ] "milho" [ˈtɕaf] "ovo"

[ˈxɔtʔ] "caroço" [ˈsutʔ] "vento"

[hoˈmat] "vermelho" [ˈtaf] "umbigo"

[ɨˈtɨ] "medo"

['kɔd'] "cera"	['hud'] "coxa"
[a'pud] "por baixo"	[dinõ'ʎo] "menina"
[si'da] "folha"	
['puk'] "mutum"	['dak'] "joelho"
[o'mak] "peixe-cachorro"	
['kɔd'] "cera"	[o'kɛ] "remédio"

6. /ʔ/ oclusiva glotal

A oclusiva glotal não ocorre nas posições inicial e final de palavra. Ocorre na posição medial, entre vogal e outras consoantes; nesta posição, contrasta com Ø. Ex (retirados de Becpag 102):

piʔsi "se aquecer perto do fogo"	-	piØsi "irmão"
piʔta "convidar"	-	piØta "sair"

Pode ocorrer ainda entre outra consoante plosiva e vogal, não tendo sido atestada (nessa posição) em combinação com outros tipos de consoantes. A plosiva e a glotal são consideradas como duas consoantes em sequência, e não como um único fonema, porque não há pares mínimos entre plosiva e plosiva + oclusiva glotal, e porque a língua apresenta outros encontros consonantais (**pits** "pé" ; **pitl** "barriga" ; **laf.ku** "nadar"; **to.pet.ne** "jacaré" ; **t̩.laf.si.lo** "cocar", etc).

A oclusiva glotal pode ocorrer ainda entre vogais, quebrando

sequências vocálicas; porém, nesta posição, sua ocorrência é previsível. A seguir, exemplos:

[xuʔ'tsa] "ver" [aʔ'di] "muito"
 [aʔaʔ'tsi] "sentar"
 [pe'tʔɛw] "perereca" [de'tʔa] "bom"
 [hiʔa'nɔ] - /hi/ /ano/ "tua língua"

7. /m/ nasal bilabial

8. /n/ nasal alveolar

Em relação às consoantes nasais, Becquelin diz que para /m/ há dois alofones, um sonoro em posição intervocálica, outro surdo nos demais ambientes. A realização surda seria a mais dominante.

Para o fonema /n/, também fala de duas variantes, uma surda, outra sonora, mas não apresenta os contextos de sonorização.

Em nenhum de nossos dados foi observada uma realização surda de /m/ ou /n/. Às vezes ela parece ser mais sonora no contexto intervocálico do que nos outros ambientes, mas nota-se também que sua duração parece ser maior (ela é mais longa); aumentando-se a duração, a sonoridade parece maior. Talvez seja isso que provoque as mudanças na qualidade do m e do n, que Becquelin estaria chamando de variante sonora, em oposição às demais, que ela considera surdas, mas todas as realizações parecem-nos igualmente sonoras. Consideramos, pois, que /m/ e /n/ não apresentam

realizações surdas.

Quanto ao ponto de articulação de /n/, Becquelin define-o ora como alveolar, ora como dental. Foi verificado esse fato junto aos informantes, e constatou-se que o /n/ do Trumai é alveolar.

A seguir, exemplos de ocorrência de /m/ e /n/:

[maʔ'tsi] "doença"	[xu'ma] "banhar"
['xõm] "chupar"	
[nanë'de] "céu"	[hĩ'nɛ] "pronome-3 ^a psg"
['xõn] "olho"	

9. /f/ fricativa labiodental surda

Sobre a fricativa labiodental, diz Becquelin que em algumas palavras, como fapti "orelha", esta fricativa se realiza quase como um "w" e isso, na sua opinião, é influência do Kamayurá que não tem "f" e que é falado por "todos os Trumai" (todos no final dos anos 60, época de sua pesquisa); mas onde o "f" tem que ser distintivo (ex: fafa "ter buraco na casa" : wafa "ramo" ; fapti "orelha" : wapti "aparecer"), ele é claramente uma contínua labiodental surda.

Não foi observada essa variação registrada por Becquelin; em alguns casos, nota-se a realização de f com certa modificação, mas ela parece ser motivada pelo contexto; p. ex. nas palavras **/ha/ /faxlo/** "meu filho", onde às vezes se obtém [haβaxlo],

provavelmente por causa do ambiente intervocálico. Porém, o fato da variação **f/w** não ter sido encontrada por nós não significa que ela não possa ter surgido nos dados de Becquelin.

Seja como for, se esta variação for observada na fala de algum Trumai, concordamos com Becquelin de que se trata apenas da realização de um alofone. Entretanto, discordamos da sua opinião sobre ser isto uma influência do Kamayurá; parece-nos que faltam ainda maiores evidências para se poder chegar a esta conclusão. A seguir, exemplos de ocorrência de /f/:

['fi] "fumo"	[tsi'fɜn] "coisa"
[laf'ku] "nadar"	[tsi'wɛf] "cana brava"

10. /s/ fricativa dental surda

11. /ʃ/ fricativa palato-alveolar surda

12. /x/ fricativa velar surda

As fricativas dental e palato-alveolar realizam-se como surdas em todas as posições. Já a fricativa velar apresenta um alofone sonoro [ɣ] em posição intervocálica. Exemplos:

['si] "canao"	[hu'sa] "amarrar"
[a'si] "estrela"	[a'dis] "índio"

[ʃaj] "tarde"	[kɔdɛ'ʃiʃ] "cobra"
[xu'ma] "banhar"	[a'ɣɔs] "criança"
[du'ɣux] "sangue"	[tawax'ka] "arara"
['pɛx] "muito"	

13. /h/ fricativa glotal surda

Não se verifica ocorrência de /h/ na posição final de palavras. Dada essa não ocorrência, Becquelin fala não de neutralização da oposição **h/x**, mas de distribuição com lacuna de /h/. Estamos de acordo com esta análise.

Quanto à posição inicial, o Trumai parece estar apresentando uma perda paulatina de /h/ nesta posição. Este fenômeno está sendo observado, atualmente, nos numerais, nas formas pronominais (cf. pronomes) e no advérbio de negação (cf. advérbio), mas pode ser que venha a se generalizar para outras palavras. A seguir, exemplos de ocorrência de /h/:

[ho'tɛtɛ] "milho"	[ʃahnĩ'nĩ] "noite"
[ha'hak] "não"	

14. /r/ tepe

O tepe ocorre apenas em posição medial e final de palavra e sílaba. Apresenta sempre a mesma realização. Exemplos:

[pɛ'rɛw] "pedaço em forma crescente"
 [o'ra] "chorar" [tarhũnhũn'kɛ] "aranha"
 [faxta'xer] "bravo" [muʔsi'ir] "garganta"

15. /l/ lateral alveolar sonora

A lateral alveolar /l/ apresenta uma variante, a lateral fricativa surda [ɬ], em posição depois de /t/.

Gostaríamos de apresentar mais detalhadamente a análise de Becquelin para o fonema /l/, análise esta com a qual concordamos.

Becquelin considera que a lateral fricativa ([ɬ] em seu trabalho) não constitui um fonema, mas um alofone de **l** depois de **t**. Becquelin interpreta **tɬ** como uma realização de /t/ + /l/ , reconhecidamente fonemas da língua. Seu argumento para esta conclusão é de que não se pode opor **t + ɬ** a **t + l** , nem **t + ɬ** a **tɬ**. Além disso, não há pares mínimos entre **ɬ** e **l** .

Em alguns casos, observa-se que na realização fonética nem sempre a oclusão é totalmente perceptível; por exemplo:

[kɔ'dɛ'ɬ] "bicho (que voa)"

Por isso é que Becquelin propõe a representação fonética **(t) + ɬ** , mas preferimos representar por [**tʰ**].

Quanto ao ponto de articulação de /l/, Becquelin define-o também ora como alveolar, ora como dental, mas foi verificado que ele é alveolar. A seguir, exemplos de ocorrência de /l/:

['laf] "respirar"	[o'lɛ] "mandioca"
['wal] "cantar"	[tal'tal] "formiga"
['tʰat] "rir"	[fa'tʰa] "furar"
[a'tʰat] "panela"	[ɔ'tʰ] "dormir"

B. Vogais

	anterior	central	posterior
alta	i	ɨ	u
média	e		o
baixa		a	

Os fonemas vocálicos do Trumai são os seguintes:

/i/ vogal anterior alta oral
 /e/ vogal anterior média oral
 /a/ vogal central baixa oral
 /i/ vogal central alta oral
 /o/ vogal posterior média oral
 /u/ vogal posterior alta oral

Todas as vogais realizam-se foneticamente nasalizadas em contexto nasal. As vogais médias /e/ e /o/ apresentam dois alofones em variação livre, um aberto [ɛ] ; [ɔ] e outro fechado [e] ; [o]. A seguir, exemplos de ocorrência das vogais:

['fi] "fumo" ['si] "canoa"
 ['pi'tɨ] "barriga" [a'pĩn] "Ele pega"

[tehne'ne] ~ [tɛhnɛ'nɛ] "terra"
 ['pɛ'tɨ] "ânus" [ma'kɛn] "Ele morde"

['sa] "dançar" ['fa] "matar"
 ['wɜn] "pluralizador"

[kode'fɨ] ~ [kɔdɛ'fɨ] "cobra"
 ['sɔ] "fogo" [a'tɔ] "tipo de fruta"
 [kat'nõn] "trabalhar"

V	Ex: a.mi "falar" - a.o "pai"
VC	Ex: a.us "abelha"
VCC	Ex: ha.its "1a. p. sg.-erg." otl "dormir"
CV	Ex: so "fogo" - ta.xu "faca"
CVC	Ex: puk "mutum" - to.pet.ne "jacaré"
CCV	Ex: di.fle "minha irmã"
CVCC	Ex: pits "meu pé" pitl "minha barriga"
CCVC	Ex: ma.la.tsi.tsik "tatu" tlep "pena" fa.tlak "o que é furado"

4.4. A questão dos segmentos W e J

Gostaríamos de discutir agora a análise que Becquelin propõe para **j** e **w** e da qual discordamos.

Becquelin considera esses elementos como não silábicos, interpretando-os como semi vogais. Faz um levantamento das estruturas possíveis onde eles podem ocorrer. A partir daí, propõe regras para prever quando ocorre **i** e **u** ou **j** e **w** (Becquelin-pag 119):

"Règles de l'apparition phonétique de [i],[j], [u],[w]:

- 1) On ne trouve jamais en Trumai trois réalisations vocaliques de suite.
- 2) Les semi-voyelles sont "j" et "w".

3) En position 1, on a des réalisations en [i] et [u] en finale ouverte (?ia); [j] et [w] en syllabe non finale, ou finale fermée (jar).

En position 2, ont a des réalisations en [i] et [u] sauf s'il s'ajoute après une autre voyelle (dainta, tyawi)." *7

Observa-se, pois, que Becquelin leva em conta dois fatores na formulação de suas regras: 1º) estrutura silábica ; 2º) posição do segmento vocálico (contato com outra vogal).

Quanto à representação fonológica destes segmentos, Becquelin propõe que eles sejam transcritos por **i** e **u**; portanto, ela deve estar interpretando J e W como alofones posicionais de I e U (alofones assilábicos).

Com relação a esta análise, constata-se que, de fato, não pode haver três vogais em série em Trumai.Ex:

(1) tsi + ao → tsi-u "pai dele"

poss. pai

Quando há duas vogais consecutivas, elas estão em sílabas diferentes. A formação de ditongos pode ocorrer em fala rápida. Porém, na fala lenta, que é mais cuidadosa, as sequências vocálicas são evitadas através da inserção da oclusiva glotal. Por exemplo:

(2)	/hi/ /ami/	"Você fala"
	[hja'mi]	"Você fala" (fala rápida)
	[hiʔa'mi]	"Você fala" (fala lenta)

Isso pode ser um indício de que esta língua fonologicamente não possui ditongos, que por este motivo são evitados. E, de fato, não há ditongos fonológicos na língua, porque os segmentos **w** e **j** comportam-se como consoantes: em termos de padrão silábico, **w** e **j** ocupam posição de consoante; nunca são centro de sílaba, ficando numa das margens.

Ocorrências de W e J dentro das sílabas:

V_	Ex: ku.aw "pente" - kaw.aw "marimbondo"
_V	Ex: tu.wa.wi "esteira" - a.tsi.we "mãe"
V	Ex: jaw "gente" - a.jej "avô"
_VC	Ex: ha.wan "nós" - pe.la.sa.wak "anta"
CV_	Ex: we.rew "pouco" - saw.ken "corda"
C_VC	Ex: hi.na.kwan "eles" - so.ne.kwaf "copo" ta.kwɨj "irmão mais novo"

Se pensarmos nestes elementos como consoantes, teremos:

VC CV CVC CCVC CCVC

ou seja, as sílabas obtidas correspondem aos padrões silábicos do Trumai.

Assim sendo, a estrutura silábica do Trumai permite que se interprete J e W como consoantes, uma vez que ocupam posições de elementos consonantais.

Há também outro bom argumento, que escapou a Becquelin, para se dizer que W e J podem ser considerados consoantes: a sua distribuição nas palavras e as marcações morfológicas que estas últimas recebem. Em Trumai, os marcadores de objeto indireto são **-s** e **-tl**, que recebem uma vogal epentética quando a palavra a que se prendem termina em consoante. Ex:

(3) aek fa feʔde-s
chefe matar onça-OI
 "O chefe matou a onça"

(4) aek fa kodeʃiʃ-es (ou: kodeʃiʃ-as)
 "O chefe matou a cobra"

Considere-se o seguinte dado, retirado do trabalho de Becquelin (pp 179):

(5) fa-ke anuk šy-n iaw-as
matar nunca ?-3ª gente-OI
 "Ele nunca matou pessoas"

Se no exemplo (5), a palavra iaw recebeu a marca de objeto com vogal epentética, é sinal que ela é terminada em consoante.

Assim sendo, conclui-se que W tem status de consoante. Há ainda outros exemplos de Becquelin (pp. 228) que corroboram esta análise:

(6) peteu-as uan ma-n
 rã(perereca)-obj pl comer-3p
 "(Eles) comeram rã"

(7) suia make topetne-s, koioš-os, aienai-s
 suia morder jac.-obj. morc.-obj. rato-obj.
 "Os Suias comeram jacarés, morcegos, ratos"

Na oração (6), a palavra peteu, que pelos nossos dados é [pe'tʔɛw], sofre o mesmo processo ocorrido com iaw no exemplo (4), indicando novamente que W está funcionando como consoante. No caso da oração (7), a palavra para "rato", segundo o dado fornecido por nossa informante, é /ajenai/, que ela às vezes pronuncia [ajenaʔi]. Nota-se que a informante introduz uma oclusiva glotal entre as vogais, marcando claramente que elas não estão na mesma sílaba; portanto, ocorre **i**, e não **j**. O marcador de objeto, aqui, aparece sem vogal epentética porque I, diferentemente de J, é vogal.

Por fim, resta mais um argumento para considerar estes elementos como consoantes: em alguns casos de fronteira de morfemas ou palavras, J é introduzido, quebrando a sequência de vogais que poderia se formar com uma junção (principalmente em fala rápida). Ex:

(8) a. tsi-u + anuk [tsi,uja'nuk]

pos-pai neg.

"Não é o pai dele"

b. ha otl [ha'jɔʈ]

1ª dormir

"Eu durmo"

c. ka-wan otl [kawɜ'nɔʈ]

1ªincl. dormir

Nós(incl) dormimos"

Se **j** é introduzido para quebrar sequências vocálicas, tal como ocorre com a oclusiva glotal (que é consoante), é porque **j** também se comporta como um elemento consonantal.

Por todos estes fatores, interpretamos os segmentos **J** e **W** como consoantes, e não como alofones de **i** e **u** como faz Becquelin, mesmo porque suas regras para explicar a ocorrência destes elementos não são muito claras; além disso, não nos parece que seja tão previsível a ocorrência de **j/w** ou **i/u**. Por exemplo, como saber se kaina "lá" é [kai'na] ou [kaj'na], ou paine "conjunto de" é [pai'nɛ] ou [paj'nɛ], sem conhecer o dado fonético?

O problema da proposta de Becquelin de transcrever **Y** e **W** como **I** e **U** é que tal transcrição não permite diferenciar os casos em que os segmentos altos funcionam como vogais dos casos onde funcionam como consoantes.

Quanto à realização fonética, ela se dá como uma contínua sem fricção, o mesmo acontecendo com **w**. Fonologicamente não há ditongos na língua, mas no plano fonético podemos dizer que ocorrem.

Por fim, um dado retirado do trabalho de Quain (1955- pp. 51) e que pode ser interessante para considerações históricas:

"avô" , que atualmente é **ajej** , foi registrado por Quain como adjei;

"sobrinho" , que é **ajus** , foi registrado por Quain como adjut.

Pode ser que na época da vinda de Quain (1938), em algumas palavras ocorresse mesmo uma africada [dʒ]. Este fato poderia ter ocorrido ou pela existência de uma variação livre [j]~[dʒ], ou talvez porque Quain estivesse registrando um dialeto diferente. Atualmente, o que se tem em Trumai é a existência apenas da contínua sem fricção /j/.

Gostaríamos ainda de mencionar a ocorrência do [ɲ]: existem algumas poucas palavras em que surge este som. Uma destas palavras é claramente um empréstimo do Português: [pari'ɲa] "farinha". A ocorrência de [ɲ], neste caso, se explica pelo próprio empréstimo.

Já nos demais exemplos, que são palavras da língua, [ɲ] é um alofone de /j/ em contexto nasal. A seguir, apresentamos os dados:

- (9) a. [a'ɲɛn] - /ajen/ "avô (refer.)"
 b. [ku:'ɲɜn] - /kuujan/ "mato"
 c. [aɲẽna'ʔi]-[ajẽna'i] - /ajenai/ "rato do ma-
 to"

4.5. Processos Morfofonológicos do Trumai

Neste ponto, faremos menção a alguns processos morfofonológicos do Trumai que serão necessários na discussão de divisão de classes.

São observados os seguintes fenômenos em fronteira de morfemas:

a) Fonológicos:

1. queda de vogal diante de outra vogal (evitando-se que ocorram vogais em série). Ex:

- (10) a. tsi + atle → tsitle "mãe dele"
 pos3^a mãe
 b. tsi + ao → tsiu "pai dele"
 pos3^a pai

2. surgimento de vogal epentética (**a** ou **e**). Ex:

- (11) a. kodeɟiɟ + -s → kodeɟiɟ-es "cobra-OI"
 b. xop + -n → xop-an "boca-loc"

b) Fonéticos:

1. queda de consoante diante de outra consoante idêntica.Ex:

(12) a. ha ma tʔaak-(k)i

1ª comer beiju-OI

"Eu como beiju"

b. ma ɬak (k)a-in ha hatke

comer neg ? 1ª adv.fut.

"Eu não vou comer"

2. introdução do segmento fonético [j] para quebra de sequência vocálica. Ex:

(13) ha otl -- [ha'jɔʔtʔ]

"Eu durmo"

1ª dormir

3. introdução do segmento fonético [ʔ] para quebra de sequência vocálica. Ex:

(14) ha ao -- [haʔa'ɔ]

"Meu pai"

1ª pai

NOTAS

*1. Existem pessoas que são originárias de outros grupos xinguanos, mas que contraíram casamento e constituíram família com pessoas do povo Trumai. Embora continuem a ser identificadas

como sendo do grupo de origem, passam a ser contadas também como Trumai.

*2. A região conhecida como Alto Xingu compreende os rios Von den Steinen, Ronuro, Batovi, Culiseu e Culuene. O rio Culuene, que tem como um de seus afluentes o Culiseu, junta-se ao sistema Batovi-Ronuro; a partir daí é formado o rio Xingu (Galvão & Simões, 1966).

*3. O propulsor de flechas, que também era encontrado entre os Karajá, é uma vara fina feita de madeira dura de palmeira. Em uma das extremidades há um gancho, sobre o qual é colocada a flecha; na outra, há um punho com orifício, onde se coloca o dedo indicador. Os demais dedos circundam a flecha. Levanta-se o braço com grande impulso e o propulsor solta a flecha com força (Von den Steinen - 1940 - Volume XXXIX - pag. 370).

*4. Segundo Seki (informação pessoal), Steinen cometeu um pequeno equívoco: -ap é um afixo nominalizador, que indica "instrumento":

jawari-a momo-ap "O atirador de tucum (javari)"

tucum FN atirar-nom (FN: função nominal)

*5. Há algumas hipóteses sobre como o Português teria começado a ser usado pelos Trumai. Esse assunto é tratado por nós em um

artigo a ser publicado brevemente, Uma abordagem preliminar da Etnografia da Comunicação na comunidade Trumai - médio Xingu.

*6. O trabalho de Monod-Becquelin mais abrangente sobre o Trumai é o de 1975, "La pratique linguistique des indiens Trumai". Quando falarmos de Becquelin, estaremos nos referindo ao trabalho mencionado. Se a referência for ao trabalho de 1976, indicaremos isto no texto.

*7. O alfabeto fonético usado por Becquelin é diferente do I.P.A.:

Becquelin	IPA
/y/	/ɨ/
/š/	/ʃ/
/ʀ/	/ʔ/
/ʈ/	/Ɉ/

Os demais símbolos são iguais aos do I.P.A.